

## Apresentação

José Murilo de Carvalho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARVALHO, JM. Apresentação. In: *A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 5-9. ISBN: 978-85-7982-005-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## APRESENTAÇÃO

Duas instituições de ensino têm importância decisiva na vida de Minas Gerais: o Caraça e a Escola de Minas de Ouro Preto. Elas realizaram, em certa época, trabalho expressivo em matéria de educação, valendo pelo que foi feito no preparo de pessoal e pelo acento de originalidade dado à vida da área. Daí o seu relevo, justificativo de atenções. Mais que simples escolas, são unidades formadoras de determinada marca regional. Seu estudo se impõe e pode contribuir para esclarecimento da realidade tanto como as notas políticas ou econômicas. E ele vem sendo feito, como se vê pelas obras dedicadas à fixação de trajetórias de escolas e cursos, reveladoras de algo mais que resultado de aulas, ou de centros de investigação.

A Escola de Minas vem de ser objeto de bem elaborado livro, pelo sociólogo e cientista político José Murilo de Carvalho, *A Escola de Minas de Ouro Preto – o peso da glória*. Nele, mais uma vez se evidenciam suas qualidades de pesquisador, já afirmadas antes, em tese de doutorado, na Universidade de Stanford, sobre as elites políticas na construção do Estado no Brasil imperial (Califórnia, 1974)<sup>1</sup>. O pesquisador fez levantamento tão completo quanto possível do material indispensável à compreensão de seu tema e o elabora com metodologia severa, de pronunciada conotação histórica. Com o domínio de instrumental teórico e fina acuidade, pôde realizar interpretação dos elementos obtidos, de modo que os temas são convenientemente explicados em análises que se afirmam pela abrangência e profundidade.

Assim é este livro. O Autor dividiu-o em três partes: criação e consolidação da Escola, seu impacto, dificuldades e declínio. Na primeira, os antecedentes da iniciativa, a personalidade do fundador, o ato de fundação, os embaraços até que a ideia se consolidasse; na segunda, a peculiaridade da promoção, o destino dos ex-alunos e o papel da Escola no desenvolvimento econômico, na política e na política mineral; na terceira, como as dificuldades levam ao crepúsculo,

---

<sup>1</sup> A mais recente edição da tese foi feita pelas Editoras UFRJ/Relume Dumará em 1996 sob o título *A construção da ordem: a elite política imperial e Teatro de sombras: a política imperial*. (N.E)

com os sintomas de decadência e suas causas convenientemente apontadas, bem como a alternativa possível ante o dilema de morte digna ou vida nova. A sólida arquitetura do trabalho permite ao Autor escrever a conclusão de modo objetivo, pois desenvolveu o esforço em busca de um resultado. É interessante, assim, acompanhar a iniciativa em todas as vicissitudes, da criação à atualidade.

Como esclarece, “difícilmente se poderia dizer que havia uma demanda efetiva por geólogos e engenheiros de minas na economia exportadora e escravocrata de 1876. A criação da Escola foi, antes de tudo, um ato de vontade política orientado em boa parte por motivos de natureza antes ideológica do que econômica”. De fato, a criação àquela altura se explica como decisão política: o país tinha economia eminentemente agrícola, pesando pouco a atividade industrial, muito incipiente. Ensino do gênero oferecido pela Escola, no entanto, era solicitado pela Província de Minas, como se vê pela insistência na ideia desde bem antes.

A solução para o declínio econômico em que se debatia era apontada, por vezes, na indústria mineral, já pelos administradores portugueses, como em 1780; e, depois, por encarregados pelo governo de estudar a realidade, que visitam a Província no fim do século XVIII e início do seguinte. Brasileiros e portugueses são incumbidos de cursos técnicos em grandes centros europeus, com vistas à elevação econômica, como decorrência da mentalidade ilustrada, crente na contribuição da ciência para o bom desempenho da política, existente em Portugal desde a reforma pombalina da Universidade de Coimbra, e que se mantém mesmo depois da queda do ministro, na conhecida ação da chamada Viradeira. A favor de uma orientação mais técnica que humanística do ensino se empenham os reformadores.

Dá e de razões regionalistas a ideia de uma escola de minas na Província central, como se vê nos debates da Assembléia Constituinte em 1823. O curso então proposto será criado em lei da Regência, em 1832, mas não terá pronta execução; será reclamado diversas vezes, até ser repetido em lei de 1875, posta em prática no ano seguinte. O êxito se deverá em grande parte aos favores de D. Pedro II: é ele que, em viagem à Europa no início da década de setenta, entra em contato com membros da Academia de Ciências de Paris, pelo culto que sempre teve

da produção intelectual estrangeira, e pede a Auguste Daubrée orientação quanto às riquezas minerais, convidando-o a vir ao Brasil. Daubrée não aceita, mas indica pessoa capaz de realizar trabalho de vulto. A indicação não podia ser mais feliz, pois Claude Henri Gorceix possuía alto preparo e capacidade de direção. Ele escolheu o local e indicou as linhas básicas do estabelecimento; trabalhou até 1891, como seu primeiro diretor, executando tarefa meritória.

Teve dificuldade de todo tipo, como a insuficiência de recursos de Ouro Preto, a campanha de políticos inimigos e a rivalidade da Escola Politécnica do Rio de Janeiro; se conseguiu sobrepor-se a tudo foi pela proteção permanente de D. Pedro II, que o sustentou na defesa de suas ideias e práticas.

As atividades da Escola eram rigidamente traçadas, com tempo integral de professores e alunos. O ensino era eminentemente objetivo, e a pesquisa cultivada de forma ainda desconhecida no Brasil. Criou-se, assim, um estilo de trabalho, com a formação severa de quadro docente e preparo técnico dos estudantes. Ao fim de poucos anos começam os efeitos positivos: diplomados ocupam posições relevantes no ensino, repartições públicas e empresas particulares; da investigação de professores e alunos resulta bom conhecimento da realidade mineral da Província, como resultam, ainda, contribuições para a ciência no país. Poucos estabelecimentos de ensino tiveram, como a Escola de Minas de Ouro Preto, impacto na vida social, econômica e científica: ela criou um estilo, um padrão de trabalho.

As dificuldades aumentaram, e Gorceix preferiu voltar a seu país, em 1881. Com a República, faltou a proteção de D. Pedro II; vários professores eram políticos e ocuparam postos no Executivo e no Legislativo do Estado de Minas; a capital se transferiria para Belo Horizonte. Se antes era possível à Escola superar as dificuldades, às vezes adaptando-se com concessões não-desfiguradoras de suas características, tem agora de vencer os embaraços do meio, o isolamento de Ouro Preto, a falta de professores qualificados.

Em 1931, a Escola passa para o Ministério da Educação, como órgão da Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro. A discussão sobre qual a melhor forma de sobreviver é frequente: se no Ministério da Educação, no da Agricultura, ou no das Minas e Energia; como escola

técnica isolada ou como parte de uma universidade, se unida à de Viçosa ou à de Minas Gerais, de Belo Horizonte. Em 1960, é desligada da Universidade do Brasil, voltando a ser apenas Escola de Minas de Ouro Preto. Temerosa da ligação com Viçosa ou Belo Horizonte, empenha-se em passar a ser Universidade de Ouro Preto, o que consegue em 1969, sob a forma de fundação de direito público. Após algumas dúvidas, o Estatuto de 1972, baseado na Universidade de Brasília, transforma a Fundação Escola de Minas em Universidade Federal de Ouro Preto. Vários problemas precisam ser vencidos, acumulados já de muitos anos; as críticas se sucedem, não só de fora como também partindo da própria congregação, sobretudo depois de 1939, quando se agravam as questões.

O Autor sumaria as críticas nos seguintes pontos, convenientemente esclarecidos no texto: a Escola se fechou sobre si mesma; o ensino massificou-se e tornou-se mais teórico; o tempo integral passa a exceção; sente-se a falta do bafejo do poder (amplo no Império, raro depois, como na gestão do ministro da Educação Clóvis Salgado, no governo Kubitschek); a perda do sentido de criatividade. São sintomas facilmente identificáveis de declínio, para o qual se apontam fatores externos e internos, como perda da autonomia, reformas do ensino, descaso das autoridades, condições físicas, insuficiência salarial, Universidade de Ouro Preto (sua interferência nos negócios da Escola), isolamento geográfico e cultural, excessivo inbreeding do corpo docente, culto da tradição, atividade da Associação dos Ex-alunos, estrutura dos cursos e dos currículos.

Ante a crise, coloca-se a alternativa: morte digna ou vida nova? Como se vê, há dificuldades e há consciência de embaraços, hesitando os responsáveis — a congregação ou o serviço federal — ante o caminho a adotar. O certo, como está na conclusão de José Murilo de Carvalho, é que só um pensamento superior, com vistas a fazer que a Escola retome a sua grandeza, terá sentido, pois de nada adiantam providências tímidas, parciais. A conclusão é otimista: para uma volta a Gorceix, “não seria preciso hoje buscar outro Gorceix na França ou em qualquer outro lugar. Já existem muitos Gorceix no Brasil, capazes de enfrentar com êxito a tarefa.”

É essa trajetória, da criação à crise atual, que o livro estuda. De maneira segura, pois o Autor acerta na escolha do essencial para

caracterizar cada momento. As fontes esclarecedoras são consultadas em pesquisas nos arquivos. A secretaria da Escola, as atas da congregação, testemunhos de professores, alunos, autoridades — todos são ouvidos, no escrito que ficou ou nas entrevistas com elementos que podem ser encontrados. As fontes são inteligentemente usadas; o Autor sabe construir a narrativa com segurança, em harmoniosa coerência entre os capítulos. Daí o valor do presente estudo: retrato fiel de uma instituição, do que ela é e do que foi em diferentes momentos. Caracteriza-se, assim, o significado da Escola de Minas de Ouro Preto como órgão de ensino e de pesquisa, sua contribuição para a sociedade e a economia de Minas Gerais e do Brasil; para a ciência, como atitude ou maior conhecimento de mineração e geologia. A Escola terá contribuído para uma linha nacionalista na política mineral brasileira, como se nota das posições de seus ex-alunos na maior parte dos pronunciamentos.

Estudos monográficos do gênero permitem aprofundar quanto se conhece da história intelectual brasileira. Espera-se por outros, pois há diversas instituições de ensino, investigação científica ou associações de especialistas — a Escola de Direito de São Paulo, a Academia Brasileira de Ciências, a Sociedade Brasileira de Física, por exemplo — que exigem estudo, pela produção realizada e seus impactos, no plano nacional ou nos diversos planos regionais.

A história do Brasil será melhor conhecida quando se escreverem monografias sobre unidades como o Jardim Botânico, o Museu Nacional, a Escola Militar, o Observatório Astronômico, a Escola Politécnica, o Instituto Agrônomo de Campinas, o Museu Goeldi, o Instituto Butantã, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o Departamento Nacional de Produção Mineral, a Universidade de São Paulo e de vários Estados, já de alguns anos, ou as Universidade de Brasília e de Campinas, entre experiências recentes. A trajetória de instituições culturais tem muito a dizer. O desenvolvimento da atividade científica, em seus avanços, estagnações e recuos, é interessante e útil, pelo que esclarece ou pelo muito que dá, como se vê nesta contribuição segura e inteligente de José Murilo de Carvalho, modelo a ser seguido.

*Francisco Iglésias*